

## Mal estar e adoecimento docente na escola pública paulista: um panorama preocupante

Sandra Maria Pateiro Salgado Noveletto Antunes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute o mal-estar e o adoecimento docente nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Destacamos o panorama atual da situação das readaptações e os problemas vivenciados pelos docentes sob a influência das mudanças sociais e as sucessivas reestruturações do trabalho no capitalismo que impactam o contexto educacional.

**Palavras Chave:** mal-estar, adoecimento, trabalho docente.

**Abstract:** This article discusses malaise and illness of teachers in public schools in the state of São Paulo. It shows an overview of the problem and experiences of teachers under the influence of social changes in capitalism that impact education.

**Keywords:** malaise, illness, teaching work.

### Introdução

O presente artigo resulta de parte dos dados de uma pesquisa desenvolvida na linha de Políticas e Gestão Educacionais no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo que tem como objetivo de estudo adicionar novos dados às discussões e reflexões sobre o mal-estar e o adoecimento docente na escola pública paulista. O número de afastamentos dos profissionais docentes de suas atividades por problemas de saúde, tanto por razões físicas como psicológicas, tem aumentado nos últimos anos e desencadeado uma série de questionamentos sobre os motivos que provocam tal fenômeno.

Inúmeros estudos sobre o absentismo docente apontam que há uma endemia existente no seio do sistema educacional público paulista, entretanto, o mal-estar e adoecimento docente ainda permanecem sem a devida atenção, pois os fatores sociais que causam esses fenômenos podem se prolongar indefinidamente pela inexistência de políticas públicas capazes de compreender e superar tal problemática.

O levantamento de diversos estudos sobre o mal-estar e adoecimento docente publicados em várias regiões brasileiras, que possuem como base comum, a obra do pesquisador espanhol José Miguel Esteve (1999), denota que o sistema educacional brasileiro, assim como em outros países, apresenta fortes indícios de que a profissão docente é marcada por inúmeras exigências que se originam nas mudanças sociais e econômicas aceleradas pelo desenvolvimento da sociedade contemporânea.

A fim de compreender, em uma perspectiva mais ampla, as questões sociais e políticas que norteiam a realidade social, sobretudo as instituições escolares; essa pesquisa partiu para uma investigação que fosse além das argumentações, muito bem fundamentadas, de que o sistema educacional apresenta, sem dúvida, professores desvalorizados, desmotivados e sobrecarregados, que encontram dificuldades tanto para debater as políticas educacionais como encontrar meios eficientes para superar os problemas cotidianos comuns e inerentes à sala de aula.

Para tanto, elegeu-se como objetivo geral identificar os motivos que levam à readaptação<sup>2</sup> de fundo psicológico dos professores nas escolas públicas paulista, bem

---

<sup>1</sup> Psicóloga Educacional, Professora de Psicologia e Relações Humanas e Mestre em Educação pela UMESP. smnoveletto@hotmail.com

como analisar se existem causas sociais que provoquem tais readaptações por motivo psíquico e por fim, como se constitui a identidade docente do profissional após sua readaptação.

Obviamente, são diversos os motivos que podem levar à readaptação e as questões que nortearam a realização da pesquisa se resumem a que, além dos problemas de natureza puramente fisiológica, podem existir no sistema educacional causas advindas da ordem social. Apesar da responsabilização individual causada pelo estigma da “doença psíquica”, seria possível identificar na instituição escolar ou nos determinantes econômicos, sociais e políticos elementos que auxiliem a compreender essa “patologia psíquica coletiva” que vem assolando os docentes?

Sabemos que a escola enquanto instituição pode retransmitir conflitos sociais em seu cotidiano e que os motivos que explicam eventuais fracassos educacionais podem ser dissimulados, camuflados ou diluídos em justificativas que transferem a responsabilidade dos problemas mais amplos para os indivíduos.

Para compreendermos o fenômeno das readaptações docentes inicialmente se faz indispensável traçar um panorama deste fenômeno e mapear as discussões que o acompanham.

### O Panorama da readaptação docente no estado de São Paulo

Os dados quantitativos sobre o número atual de professores readaptados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo foram fornecidos pela Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOSP). Os índices obtidos indicam a evolução das readaptações no Quadro do Magistério (QM) do estado de São Paulo, entre os anos de 2011 e 2013. A partir dos dados foram elaborados dois gráficos que ilustram os números totais, bem como a evolução porcentual do número de readaptações ao longo de 28 meses.

Mesmo não sendo simples o processo de readaptação, existem atualmente mais de quatorze mil professores efetivos (concursados) distantes de suas atividades, por motivo de doença.

Como se pode ver nos gráficos 1 e 2, a seguir, o crescimento dos casos de readaptação é bastante significativo e preocupante, pois não estão incluídos nesses dados os afastamentos temporários e licenças médicas que não contabilizam a questão de readaptação, mas que entram no debate sobre o absentéismo docente.

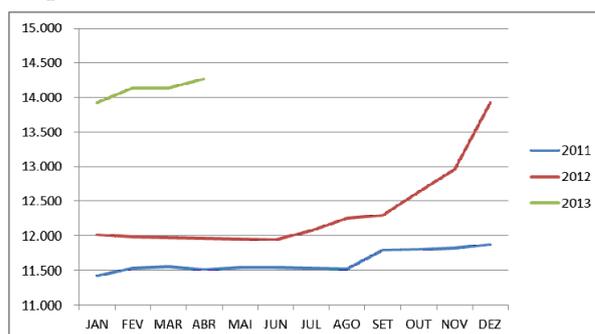


Gráfico 1 – crescimento no número de readaptações por ano de 2011 (linha mais baixa) até abril de 2013. Fonte: Antunes (2014).

<sup>2</sup> Consiste na recolocação do profissional docente em outra função com atribuições de cargo em nível inferior de esforço para o qual foi admitido. O processo de readaptação é longo e complexo, amparado pela Lei nº 10.261/68 art. 51 do Estatuto do Servidor Público Estadual; em conjunto com procedimentos regulamentados pelo Departamento de Perícias Médicas do Estado de São Paulo.

O gráfico 2, a seguir, apresenta a junção dos períodos analisados. Nota-se acentuado crescimento de readaptados por meio da curva de evolução das readaptações nos 28 meses compreendidos pelas Tabelas 1, 2 e 3.

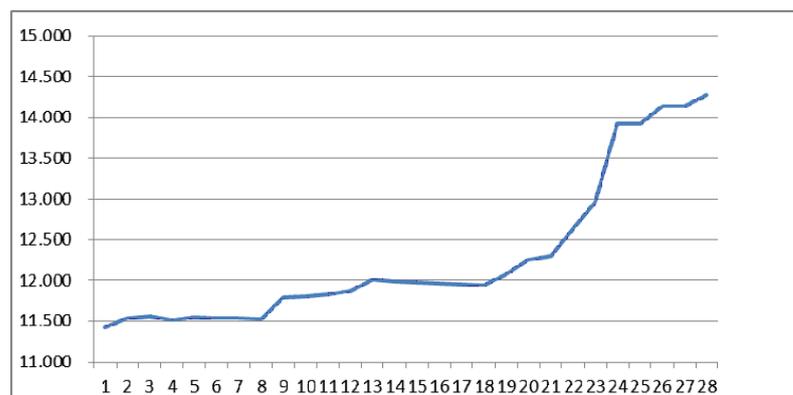


Gráfico 2 – Evolução das readaptações por mês e total de 2011 a abril de 2013. Fonte: Antunes (2014).

De acordo com os gráficos, no ano de 2011 havia 11.872 professores readaptados; no ano de 2012, 13.925, o que indica um aumento de 17,3% em relação ao ano anterior. Em 2013, a tabela indica 14.268 professores readaptados no primeiro quadrimestre o que significa um aumento de 2,5% em relação a 2012, evidenciando a tendência de crescimento ao longo do período compreendido pelos dados.

Em termos absolutos, o gráfico 2 indica o crescimento de 2.846 no total de readaptações no período de 2011 até abril de 2013, totalizando nesse mês 14.268, o que equivale a um crescimento de 24,9% no total de readaptações em pouco mais de dois anos.

Há nesse espaço de tempo uma taxa de crescimento de aproximadamente 0,89% ao mês, com um pico no crescimento no intervalo dos últimos 11 meses. Esse número representa em média que 3,3 professores adoecem por dia. Podemos dizer então, que a cada período diário em que se leciona, um professor é afastado de seu cargo (levando em conta que a escola funciona em três períodos).

Em maio de 2013, dos 231.205 docentes das escolas públicas paulistas, encontram-se readaptados 14.340, o que representa 6,2% do total de professores ativos. Como citado anteriormente, ocorrem também, inúmeros afastamentos temporários que agravam ainda mais a falta de professores nas instituições escolares.

Enfim, os procedimentos formais da burocracia estatal nos setores de educação e saúde para a regularização da vida funcional do professor readaptado, suscitam a reflexão, também, do processo socioprofissional a que esse docente se expõe, abrangendo as relações sociais na instituição escolar e que afetam sua identidade profissional após a readaptação.

### **Estudos sobre o adoecimento docente**

Por intermédio de um levantamento de pesquisas e artigos acadêmicos, foi possível constatar que o mal-estar e o adoecimento docente suscitam várias reflexões em diferentes áreas do conhecimento: Educação, Ciências Sociais, Psicologia e Saúde. Tais estudos denunciam a “falta de professores”, a “falta de assiduidade ao trabalho”, o “excesso de licenças médicas” e a “síndrome do esgotamento profissional”, entre tantos outros títulos.

Reportagens em jornais e revistas eletrônicas associadas aos termos de “denúncia”, “revolta”, “protestos”, “pais e alunos indignados” indicam a responsabilização dos professores, culpabilizando-os pelo excesso de licenças médicas e os gestores educacionais prometem coibir o absentéismo.

Entretanto, pode-se postular que a solução dessa problemática, requer muito mais do que respostas paliativas por parte dos gestores e administração pública; requer um distanciamento crítico, que se faz necessário no aprofundamento dessas questões, com extrema acuidade, para que as análises dos diferentes aspectos e fatores sobre tal temática mostrem definitivamente, as verdadeiras causas do mal-estar e do adoecimento docente que assolam os docentes e provocam o absentéismo, afastamentos e readaptações.

As análises devem, portanto, propiciar de maneira efetiva a compreensão das fontes que desencadeiam tais fenômenos. Obviamente, a origem desses fenômenos são alguns inerentes a questões fisiológicas, mas incluem também aspectos políticos, econômicos e sociais que impactam o sistema educacional e não podem ser subestimados ou ignoradas, sob pena de não compreendermos as origens do mal estar docente e de, principalmente, estabelecer ações propositivas na direção da superação dessas causas.

Estudos de notória relevância foram realizados durante as duas últimas décadas, pesquisas de vários autores como por exemplo: Weber (1996); Leite e Souza (2007); Stobäus, Mosqueira e Santos (2007); Lapo e Bueno (2003); Lemos (2009); Pezzuol (2007) entre tantos outros. Estes estudos apresentam um panorama desanimador, agravado por diversos fatores conflitantes, tanto do ponto de vista social, como do ponto de vista dos docentes.

Os quadros do mal-estar e adoecimento docente são graves, permeiam o cotidiano docente, afetam o professor no exercício de sua função nos diferentes níveis, provocando acomodação, remoção, readaptação, abandono e até a exoneração.

De qualquer forma, essas questões que compõem o universo de fatores que são causa e consequência do mal-estar docente e, em especial, das readaptações, carecem de estudos que tratem do impacto das lutas e conflitos de classe que eclodem nas instituições escolares e podem ter importante papel no adoecimento docente.

### **Contribuições para uma reflexão teórica**

Sem a pretensão de esgotar o tema ou de dar todas as respostas, a dissertação de mestrado “Readaptação docente: Trajetória profissional e identidade” (ANTUNES, 2014) buscou contribuir para o esforço do estudo, identificação e compreensão de possíveis impactos dos conflitos das sociedades contemporâneas nas readaptações docentes de cunho psicológico. As pesquisas anteriormente indicadas, sobre o mal-estar docente, apontam possíveis fatores de causas sociais, mas não estabelecem uma discussão baseada em uma análise crítica que busque estabelecer possíveis relações entre a questão do mal-estar e adoecimento docente e a presença deste fenômeno em profissionais de outras áreas de atuação profissional, como apresenta, por exemplo Sennett (2001) em sua obra “A corrosão do caráter: consequências do trabalho no capitalismo”, na qual são apresentados outros profissionais que também sofrem o desgaste, a exploração e o desencanto no exercício de suas funções no mercado de trabalho. Ainda, nesta obra, Sennett indica a reorganização do trabalho nas sociedades contemporâneas como a principal causa destes fenômenos.

O argumento teórico que justifica a opção por esse tipo de análise substancia-se no pressuposto de que no conjunto das mudanças sociais, do desenvolvimento tecnológico e das novas exigências em todos os setores laborais da vida social impõem

um dinamismo fragmentado nas relações sociais que individualizam e isolam os trabalhadores de uma maneira geral.

Essa diluição das relações sociais traz consigo a desvalorização profissional como um todo, e conseqüentemente a discriminação e o estigma do profissional adoecido e camuflam as influências das políticas públicas que se originam do processo sócio-histórico da própria estrutura social e que impactam a vida profissional de diversos trabalhadores nas mais diversas áreas, inclusive a educacional.

### **Considerações Finais**

O objetivo principal deste artigo foi apresentar parte da pesquisa sobre o mal-estar e o adoecimento docente que culminam em readaptações nas escolas públicas paulistas. À partir da constatação do agravamento do panorama de adoecimento docente e na busca da compreensão e explicação se existem ou não afastamentos por motivos de natureza social, a pesquisa encontrou fortes indícios de que esse fenômeno seja provocado pelas condições de trabalho enfrentado pelos professores, em consequência das mudanças sociais e das sucessivas reestruturações do trabalho, além da própria estrutura do sistema social vigente.

Os dados apresentados indicam a existência de um problema grave, considerando-se que são 14.340 professores readaptados (6,2% dos professores ativos), ou seja, mais de quatorze mil pessoas adoecidas, no interior das instituições escolares da Secretaria da Educação do Estado. Ainda, assustadoramente, apresentam um crescimento da ordem de 24,9% de readaptações em apenas dois anos.

Cabe o alerta, que a situação seria infinitamente mais problemática, se fossem incluídos nos estudos o absentismo e afastamentos temporários.

Todavia, pode-se indicar sumariamente, que as políticas públicas educacionais estão longe da possibilidade de fornecer subsídios para a melhoria desse panorama, justamente por conta das ramificações da ordem das mudanças sociais e econômicas expressas no mundo do trabalho que significativamente contribuem para o adoecimento docente.

### **Referências bibliográficas**

- ANTUNES, Sandra M. P. S. N., **Readaptação docente: trajetória profissional e identidade**. Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, SBC, 2014.
- ESTEVE, Jose M., **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de C. Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e o abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, n.118, p.65-88, março/2003.
- LEITE, Márcia de P; SOUZA, Aparecida N. **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil**. Estado da Arte. São Paulo: Fundacentro, 2007.
- LEMOES, José Carlos Galvão. **Do encanto ao desencanto, da permanência ao abandono: o trabalho docente e a construção da identidade profissional**. 2009. 315 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PEZZUOL, Maria de Lourdes de Moraes. **Identidade e trabalho docente: a situação do professor readaptado em escolas públicas do Estado de São Paulo**. Mogi das Cruzes: UBC, 2008. 188 f. Dissertação de Mestrado.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2001. 5. ed.

STOBÄUS, D. Claus, MOSQUERA, Juan José M., SANTOS, Bettina Steren dos. **Revista Educação**. Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. FAGED/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 259-272, out. 2007. Disponível em: [revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/.../2787](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/.../2787) Acesso em: 24/05/2013.

WEBER, Silke – **O professorado e o papel da educação na sociedade** – Campinas, SP: Editora Papirus, 1996.

Recebido para publicação em 21-03-14; aceito em 22-04-14